KLAXON

mensario de arte moderna

SÃO PAULO

SETEMBRO 15 1922

klaxon

MENSARIO DE ARTE MODERNA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
S. PAULO — Rua Direita, 33 Sala 5

ASSIGNATURAS – Anno 12$000
Numero avulso — 1$000

REPRESENTAÇÃO:

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda
(Rua S. Salvador, 72-A.)

FRANÇA — L. Charles Baudouin (Paris).
SUISSA — Albert Ciana (Genebra Rampe de la Treille, 3).
BELGICA — Roger Avermaete (Antuerpia — Avenue d'Amèrique, n. 160)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus collaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permittido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscriptos.

SUMMARIO

Omnibus

ESPIRITISMO

Começando a medir, o homem creou o dominio scientifico. Foi notavel acontecimento, quando a agua deixou de ser considerada um corpo simples, passando para o rol dos compostos. Entretanto, esse acontecimento só principiou a ser interessante, no momento em que se verificou que, para a formação da agua, o hydrogenio e o oxygenio só se combinavam na proporção de 2:1. E' que introduzir o numero nos phenomenos universaes implica submettel-os a leis determinadas. Tem-se, desse modo, uma visão economica e lisongeira do Kosmos...

Todos os phenomenos serão passiveis de medida? Um delles, até agora rebelde ao jugo mathematico, é a emoção esthetica. Si fosse possivel determinar a sua qualidade e intensidade, estaria creada, scientificamente, a Esthetica. Ha de parecer que incorro em pleonasmo, quando falo em determinar a «qualidade» da emoção esthetica. Pois si eu puz o adjectivo «esthetica» ao lado do substantivo «emoção», como poderia determinar o que de si mesmo já está determinado?! Mas, si eu dissesse, agora, que ella é um phenomeno complexo; que é a resultante de innumeros factores, todos hão de convir, por força, que a simples mudança na ordem desses factores ou a preponderancia de uns sobre os demais, é o bastante para imprimir uma «nuance» differente á emoção esthetica, como o simples movimento num kaleidoscopio modifica o mosaico colorido...

Assim, da mesma maneira que, na chimica organica, existem centenas de corpos isomeros, correspondendo á mesma formula molecular, tambem existem centenas de emoções estheticas (isomeras), correspondendo aos mesmos factores psychologicos... Representando por X a emoção esthetica, estabelecerei a seguinte equação: $X=p+q+r+s$... E' evidente que o valor de X se modificará, na proporção que variarem os valores de p, q, r ou s, E' o que, em algebra, se chama um problema indeterminado.

Estou dizendo todas essas cousas, mais ou menos cabalisticas, para mostrar que a Esthetica é uma nebulosa, um simples schema, uma sciencia branca. Consequencia:

Quando alguem ataca musicos, pintores, poetas, em nome da Esthetica,

está invocando um espectro, um fantasma.. E nesse caso, antes que os quadros comecem a dançar sobre a parede e a meza a descrever parabolas no ar, — é sempre bom que alguem aperte o botão da luz electrica...

* * *

PUZZLE

A sciencia procura dar uma visão cada vez mais impessoal do universo. Nesse sentido, Einstein, com o seu celebre Intervallo, deu mais um passo á frente. Ao inverso do que acontece com a sciencia, a arte inclina-se para o subjectivismo. A arte moderna é, na sua generalidade, profundamente subjectiva. Para o poeta de hoje não ha themas preestabelecidos, nem apparelhos complicados em que deva filtrar as suas emoções. Seu «eu» deixou de ser mercadoria vendida a retalho, em caixinhas de differentes tamanhos e feitios, ao gosto do sr. «Todo o Mundo». Agora, o poeta se offerece todo, como elle é, num determinado ponto do tempo e do espaço. Dahi, ás vezes, certas infantilidades, certas associações chocantes. Isto quasi sempre desconsola os amadores de puzzle psychologico, que preferem personalidades retalhadas. afim de possibilitarem a volupia ineffavel de poderem juntar os fragmentos dispersos, formando, desse modo, uma figura qualquer, amarfanhada, estupida, morta...

* * *

MIL E UMA NOITES

O extremo subjectivismo leva ao hermetismo, — uma porta fechada. E quem não souber dizer: «Sesamo, abre-te!», que passe deante della, sem olhar. Esta attitude, que é a minha, é muito mais prudente e avisada do que a daquelles que, sabendo a formula, conseguem entrar, mas, uma vez lá dentro, ficam sem poder sahir, pois que, deslumbrados com o que vêem, esquecem magicamente a palavra magica. Estes, em geral, enlouquecem...

*

A JANELLA ABERTA

O que póde salvar o extremo subjectivismo do hermetismo é a ironia. A ironia, sendo o resultado de uma comparação entre o individual (que é sempre supposto ser superior, embóra nem sempre vença) e o collectivo, o «não eu», presuppõe uma attenção elastica, repartida entre o mundo subjectivo e o objectivo. O individuo, assim, nunca está encerrado dentro de si mesmo e, de vez em quando, abre a janella para ver a vida passar tumultuariamente... Além disso, a ironia é um desdobramento do instincto de conservação. E quando as nossas tendencias mais intimas e inconscientes periclitam, quando se fragmentam ou vão fragmentar-se de encontro as asperezas do meio em que vivem, então ella surge, consolando-nos, auxiliando-nos a viver... As sensibilidades mais delicadas são e devem ser, consequentemente, as mais ironicas, porque estão mais expostas, porque se lascam mais facilmente..

* * *

O CORVO

Certos theoristas do modernismo, depois de enxotarem, dos dominios artisticos, o dogmatismo, — esse corvo «perched upon the bust of Pallas», tomaram-se de tal temor que elle voltasse, que collocaram em frente da Arte um espantalho. Mas eis, que de novo, manchando o corpo branco de Pallas, uma sombra ridicula se extende: a sombra do espantalho...

A. C. COUTO DE BARROS.

3

AL VOLANTE

POEMA ULTRAISTA

al volante
todas las carreteras se encabritan
En el juego de las velocidades
los pedales
barajan un kaleidoscopio
de perspectivas tornátiles
El coche es un arco combado
que dispara
trayectorias insaciables
Adelante Hacia el vertice
Trepanamos aldeas ancladas
y campiñas que galopan
En el cross-country cósmico
las montañas rivales
enarcan sus lomos al saltar
Cogido de las manos
paralelamente
avanzamos con los cables y los rios
que permutan sus cauces
Saltos entre las redes de itinerarios
Trepidaciones
El motor padece taquiarritmia
Las ventanillas deshojan un albun de paisajes
El parabrisas multiplica nuestros ojos
que cosen los panoramas evasivos
Y el viento liquefacciona los sonidos
En la enbriaguez dinámica
el auto siembra
una estela
de células aladas.

GUILLERMO DE TORRE (Madrid, 1922)

4 VISIONS

I

Ma jeunesse ne fut qu'un ténébreux orage
(Baudelaire)

Ma jeunesse ne fut qu'un long voyage
Les paquebots et les express m'ont transporté
de paysage en paysage
et d'hivers en étés
à travers tout l'univers
Et c'est ainsi
que j'ai connu tous les pays
celui de Baudelaie
celui de Cervantes
celui très grand de Shakespeare
et celui plus grand encore de mon âme...
Simplicité complexe
C'est le blanc de la boite à coleurs
Douleur
non pas larmoyante
enfant de siècle
mais pure
blanche
malgré l'immensité de mon sarcasme
un jeu facile de jongleur
car devant ma maison il y un beau cirque
où six clowns miment la vie
où des cavalières en maillots roses et décorées d'un sourire aimable
dansent sur des chevaux parnaissiens une danse macabre
Moi je ferme les yeux et je souris
mais les clowns qui miment la vie
disent entre deux mots d'esprit que mes doigts sont crispés sur la chaise

O mon âme... pays de luxe et de mensonge...
J'ai chanté la misère et je suis riche; je puis vendre de grands trésors à vil prix sans pour cela me ruiner. Une mine, mon âme, une mine inépuisable, tout un monde, avec des pays plus grands que le pays où je sois né, et des villes plus que celles des légendes somptueuses.
Palais de marbre et d'or, rues asphaltées d'argent ou de platine avec pour réverbères de multicolores diamants, jardins suspendus par des ballons captifs où vivent de plantes interplanétaires...

O féeriques Babylones
Empires décandents
Extases et opiums
Et quelle richesse en philosophies audacieu ses, explications inédites de l'univers, poèmes absolus dans la relativité du temps... Et quels tombeaux insondables de douleurs toute saignantes
rouges
bleues
blanches
Vive la France!
Marseillaises enivrantes,
e nthousiastes, symphonies diaphanes, opéras, dadaistes dans des décors subconscients... en jouir dans ma solitude!
Ah! vous pouvez parcourir tous les pays du monde
photographier tous les paysages
Le pays de mon âme moi seul le connais
et moi seul vous peux livrer
quelques bribes difformes
quand il me plaît...

Serge MILLIET

As Cortezãs

(Das "Canções Gregas")

Ellas passam no poente, junto ao cáes. Seus vultos
volantes, nos stróphions curtos,
azues, doirados e lilazes,
são leves e subtis: parecem grandes aves.

As cortezãs passam no occaso cor de malva.
As suas joias cantam um canto fino de ouro,
e os seus cabellos lavados fazem um rolo
de trigo maduro, sobre a nuca alva.

Na tarde do cáes, contra o sol obliquo,
ellas erguem a ventarola
sobre os olhos verdes: e olham o mar longinquo.
E, aos pés de cada uma, o sol desenrola
uma longa sombra rôxa sobre as pedras pretas,
como si atirasse punhados de violetas...

GUILHERME DE ALMEIDA

6

EGLOGA SENTIMENTALE

Ogni giorno
nell'ora in cui
d'arancio e d'oro e berillo
le nugole bistre bigie grigie
ed il ciel di piombo
lacera a strombo
il Sole —
per la via sgombra
che si dava all'ombra
come l'amore al sonno
flessibile solida ferina felina
tutta di nero come
la notte che giá scendea
ella ascendea

Onde veniva? Dove andava?
Passava
Nel globulo latteo nell'iride glauca
lo stanco fluttuar
della malinconia
e nel passo
l'accento d'un sonetto
e nel bistro delle ciglie nel belletto
nel vermiglio carminio
dell'unghie dei labbri dei lobi
l'offerta cromatica
di amore
di passione
di pazzia isterica —
col giorno
per la via sgombra
come l'amore al sonno
si dava all'ombra

Onde veniva? Dove andava?
Passava
Ma piu' non ripassó

Piu' mai nell'ombra ché scendea
io la rividi –
Dopo
– qualche tempo dopo –
questo ho sentito
E' morta
Pensai intristito
la fine che il fulgido passato
e quello immondo
tinge ugualmente
di bonta d'elegia di pallore
Dissi
certo bella nel bollore
della verginitá ardente
come l'amor al sonno
dolorosamente
ti desti alla fine

Dopo
– qualche tempo dopo –
questo ho sentito
E' morta nell'attimo caotico
del piacere completo
sotto un petto di maschio
forse bello certo forte
rapita dal primo turbine
di voluta
con la verginita
volo la vita

Onde veniva? Dove andava?
Da ignote scaturigini d'amore
forse per una via
che le trafisse il core
veniva
Per una meta bella
per la piu bella fine
bellamente
andava
Passava

GAETANO CRISTALDI.

klaxon

POÈME

Petit chat blanc et gris,
Reste encore dans la chambre.

La nuit est si noire dehors!
Et le silence pèse.
Ce soir je crains la nuit.
Petit chat, frère du silence,
Reste encore...
Reste auprés de moi,
Petit chat blanc et gris,
Petit chat...

La nuit pèse...
Il n'y pas de papillons de nuit...
Où sont donc les bêtes?
Les mouches dorment sur le fil de l'éléctricité.
Je suis trop seul vivant dans cette chambre!
Petit chat, frère du silence.
Reste à mes côtés:
– Car il faut que je sente la vie auprès de moi,
Et c'est toi qui fais que la chambre n'est pas vide!

Petit chat blanc et gris,
Reste dans la chambre.
Eveillé, minutieux et lucide.

Petit chat blanc et gris.
Petit chat...

MANUEL BANDEIRA.

Aos homens de experiencia

Em arte não ha progresso. O progresso só existe para as cousas materiaes e na bandeira brasileira. Nós não escrevemos melhor que Machado de Assis, nossos poemas não são mais bellos que a Eneida de saudosa memoria. Egualar Camões ou Racine não tem a minima importancia. O que nos importa é traduzir a nossa epocha e a nossa personalidade.

Se somos modernos, isto não quer absolutamente dizer que condemnamos os classicos, romanticos, parnasianos e todos os «passadistas". Bilac, Castro Alves, Gonçalves Dias foram grandes poetas. Escreveram obras romanticas e parnasianas na epocha do romantismo e do parnasianismo. *Foram modernos! Bravo!*

O ridiculo é um poeta acreditar em soneto e em alexandrino neste glorioso anno do Centenario da Independencia.

Se um individuo andasse hoje passeando pelas ruas do Triangulo vestido á moda de D. João VI, o sympathico guarda civil da Praça Antonio Prado prenderia o «louco" confirmando a fama da nossa Força Publica, a melhor do mundo.

V Sria. é com certeza pae de familia. Se não é, já foi, ou será, é fatal. Logo deve possuir essa cousa ridicula e perfeitamente inutil: a experiencia. Como tal deve succudir a cabeça: «Qual! tudo isso passa!» Não pense V Sria. que disse uma grande novidade. Isso já foi dicto por V. Hugo que V Sria. tanto admira, e muito melhor, em versos:

Tout passe, tout casse, tout lasse ...

Victor Hugo tinha razão. A prova é que elle cançou e passou. Felizmente.
delles poetas, romancistas, esculptores geniaes que hão de ser a expressão sublime do tempo em que viveram.

Os «modernos" tambem passarão como passaram os romanticos, deixando atraz Ninguem é dono do tempo. V. Sria. que têm cabellos brancos sabe disso melhor de que eu que não os tenho graças ao tempo.

O «modernismo" existe, é inutil revoltarse. E' um facto, como os aeroplanos, o bolchevismo, o fox-trot e o jazz-band. Ouço daqui seus gritos de protesto: loucura, immoralidade! Não grite tanto por favor, atrapalha minhas ideias.

Se V. Sria. tivesse observado um pouco, saberia que «a dissolução dos costumes» é uma simples consequencia das guerras e revoluções. Durante a «Terreur» houve muito mais libertinagem nas ideias e costumes do que hoje.

Esteve em Paris antes da guerra? Bella cidade, não? Divertida! Moulin Rouge! Pois hoje é muito mais. E não só Paris: é Berlim, Nova York, Vienna, Londres, uma pandega geral! Não proteste, por favor! Admiro que um homem tão cheio de experiencia não ache tudo isso muito natural. Quem teve a sorte de escapar ao horror das trincheiras quer divertir-se um pouco an-

tes de começar a vida seria. Nossa epocha é o domingo dos seculos. Toda gente se diverte aos domingos, menos eu que me aborreço.

Mas qual será o resultado de tudo isso? Ah! isso é uma pergunta muito séria, é quasi philosophia. Já ouviu com certeza fallar nos «incroyables" da Revolução franceza? Pois são os «almofadinhas» de hoje. Conhece com certeza o «Prefacio e a batalha de Hernani" ? Pois são as batalhas dos «modernos». O que provam esses factos? Que os fox-trots, os «futuristas» as ideias modernas são perfeitamente normaes.

Não peço aos seus cabellos brancos que comprehendam a Arte moderna mas que a acceitem como um facto.

A Arte moderna é uma manifestaçã *natural* e *necessaria*. Os artistas moderno são homens convencidos de que é preciz procurar novas formas, porque as qu existem não traduzem mais a vida contemporanea. Bandeirantes do pensamento el les estam á procura das esmeraldas.

Os philosophos barbudos dizem que a humanidade dá dois passos para frente e depois um para traz. Eu que não sou nem philosopho nem barbudo, digo que é preci zo dar dois saltos para frente para ganhar um salto que vale dois passos.

Os artistas de hoje, athletas elastiscos, estam dando o sublime salto para a frente.

RUBENS DE MORAES

Chronicas

THEATRO DOS BONECOS

(Resumo de um artigo de Roger Avermaete)

NINGUEM está disposto a tomar muito a sério um theatro de bonecos. Entretanto, é elle uma cousa serissima.. O tempo que Roger Avermaete e seus companheiros gastaram na sua montagem, demonstra como é elle capaz de absorver a actividade de muitos espiritos graves e reflexivos...

* * *

O primeiro problema que os preoccupou foi o da confecção de uma "marionette". Em geral, os bonecos de engonço são informes, sem linha, sem estylo, com os movimentos dos membros quasi que inexpressivos. Afim de remover esse inconveniente, construiram, depois de pacientes pesquizas, um boneco de duas dimensões, chato. Em vez de vestil-o, pintaram-no. E como o personagem é chato esta fatalidade physica tem a vantagem de dar-lhe maior expressão. Uma vez que o artista tem de recortar o boneco numa attitude que será immutavel, uma vez que tem de desenhar braços, cujos movimentos serão forçosamente limitados, procurará, antes de tudo, dar, da maneira mais synthetica possivel, o caracter de seu personagem. Os resultados obtidos, nesse sentido por Henri Van Straten foram admiraveis.

Construido o boneco, restava unicamente encontrar um processo pratico de animal-o. Foi então que Franz Buyle alvitrou que se não dirigissem os bonecos de cima para baixo, como sempre se fez. E apresentou um systema de sua invenção, logo enthusiasticamente acolhido, consistente no seguinte:

O boneco é montado em angulo recto sobre um tubo duplo, estreitinho, deslizando sobre o sólo, accionado por detraz do panno de fundo

pelos manobristas. Esse caminho duplo termina por um cabo, onde vêm ter, fixos por anneis, os tenues fios de aço, que atravez dos tubos, dirigem os movimentos dos bonecos. Desse modo, o jogo de scena póde attingir uma precisão notavel. Quando um dos bonecos tem que passar adiante do outro, o caminho duplo do primeiro desliza, sobre o do segundo, sem que o espectador perceba.

Além da posição bastante elevada do palco, os tubos são por si mesmos quasi invisiveis.

Na primeira representação dada em Anvers, no Club Artes, na presença de 60 artistas, ninguem soube explicar o mechanismo empregado. E' preciso dizer que o panno do fundo e transparente e, desse modo, os manobristas, sem serem vistos, pois ficam no escuro, estão ao par, sem difficuldade dos menores movimentos executados pelos bonecos, sobre a scena illuminada.

Os décors pintados deram resultados negativos. Roger Avermaete e Franz Buyle, chegaram á solução de um décor unico, transformavel. E assim com um scenario, composto de seis partes distinctas, conseguiram fazer combinações de mise-en-scéne quasi innumeraveis. Essas partes são 1.o um fundo; 2.o e 3.o dous pannos verticaes duplos, formando angulo recto com os bastidores; 4.o um scenario quadrado tendo a dimensão da abertura do palco e fechado em tres quartas partes; 5.o um frizo e finalmente um panno horizontal — todos elles de seda. O frizo é de tres côres (verde, fulvo, preto); o fundo, verde, e os demais, cinzentos. A electricidade encarrega-se do resto.

LIVROS & REVISTAS

Affonso Arinos, por Tristão de Athayde. — Annuario do Brasil — Rio 1922.

Disseram de Latino Coelho que era um estilo á procura dum assumpto... Parece-me esta uma caracteristica flagrante da literatura contemporanea brasileira. Com menos estilo porem. Nestes u'ltimos tempos tem sido grande a copia de livros em que, necessitados de exprimir seus pensamentos ou dar largas á fogosidade alexandrina, pensadores e poetas brasileiros retomam assumptos velhos, velhos temas em que exerçam pensamento, estilo e metrica. Sentem a necessitade de pensar, de poetar; mas pensar sobre que? poetar sobre quê? Parece então faltar-lhes aquele movimento lirico inicial que conduz ás criações originais. (Mais ou menos originais, pois que tudo se repete, em evolução). Assim temos Alexandrinos sobre "Fausto e Ahasverus", "Dom João", "Fausto e Dom João" e o snr. Martins Fontes ainda escreve uma arlequinada para provar que estuda com aplicação o dicionario. Entre os pensadores os milhores livros aparecidos nestes ultimos tempos tambem não possuem esse assumpto original. (Uma ou outra rara excepção.) Não pensam sobre uma idea, sobre uma abstracção mais ou menos pessoal, pensam sobre uma obra, um autor que lhes faculte o nascimento de ideas. E talvez esta fase do pensamento nacional se desenhe um dia como eminentemente critica, mas não criadora.

A essa serie de obras criticas incorpora-se agora o "Affonso Arinos" do snr. Tristão de Athayde. E este autor além de se comparar a Latino por ser um estilo a procura dum assunto, (diga-se de passagem: comparação a que não empresto o minimo sentido pejorativo), ainda se equipara ao classico pelo estilo. Tem de Latino aquele verbalismo sonoro e comedido, aquele brilho, a mesma cadencia, a mesma equilibrada e melodica frase. Apesar do nenhum aspecto de actualidade que tal direcção apresenta, encanta sensualmente o ouvido: sonora, musical e serena.

Nêsse estilo o snr. Tristão de Athayde estuda com perfeição a figura de Affonso Arinos. Livro ditado pela saudade e pelo amor era de temer que o autor se desmanchasse em elogios exagerados e hinários de quasi religião. Mas o estilista e daquelles poucos que sabem aliar sem que isto lhes cerceie a faculdade critica. E escreveu assim um livro de fina observação, de justo elogio, onde o erudito se entremostra apenas, sem vaidade, mas seguro de si. Um pouco especiosa talvez aquela subdivisão da literatura nacionalista em: das cidades, das praias, dos campos, das selvas, da roça... mas isso não prejudica absolutamente a verdade da critica. E' um livro exacto e bom, com um prefácio de admiraveis consideraveis sobre a critica de hoje.

M. de A.

Le Miracle de vivre — Charles Baudouin — Edição "Lumière". Belgica - 1922.

O snr. Carlos Baudouin envia-nos de Anturpia seus ultimos poemas: "Le Miracle de Vivre". E' mais uma obra admirável do poeta. Espirito contemplativo e sobremaneira delicado, o snr. Baudouin não se voltou ainda resolutamente para para a realidade contemporánea

da vida. Os seus temas, embora tristonhos quasi sempre, ásperos ás vezes, respiram sempre a suavidade um pouco sceptica, duma alma que vê da vida apenas aspectos gerais, filosoficos, e ainda vê esses mesmos aspectos pela reproducão deles nela e não directamente na realidade tangível. Os poemas do sr. Baudouin saem-lhe, como esses quadros da Renascença italiana; pinturas de atelier, mas ordenações muito perfeitas, onde impera uma rara compreensão arquitectónica. O snr. Baudouin tem o senso da ordem; seus poemas são construções perfeitas, em que se desenrola como que uma vida marginal, não vibramte, ridicula e descortez como a real, mas grave, serena, e levemente piedosa.

E, tratando embora eternos temas, é de ver-se como o poeta se renova, pela imagem imprevista e sugestiva, sempre comedida e sem exageros:

"des vagues d'humanité, messages des antipodes; écrasent à nos rives leurs déflagrantes décharges...";

"sur mon front, encore endolori de mon sommeil brassé de bruit glissaient les clairs doigts de glace de l'aube..."

E fica-se, ao sair do livro, com os olhos mais largos, a ver invisiveis doçuras. Desejariamos porém que o snr. Baudouin seguisse mais o conselho que dá, ao terminar o livro:

"O toi qui vas, les yeux et la tête baissés

. . .

de grâce, lève la tête, ouvre les yeux—aux choses!

. . . .

Ouvre ta chair, ouvre ton âme, ouvre-toi tout: le Monde est là!"

Readquiriria então essa força, essa realidade comica, dolorosamente comica que apenas passa nos seus versos como a lua que

"descend les escaliers du ciel, grosse de clameur, [mais silencieuse".

Além de poeta suavíssimo, o snr. Baudouin é um artista. Totalmente livre de preconceitos, utiliza-se da rima apenas quando esta lhe surge natural á boca da pena. Usa principalmente assonâncias admiráveis. Eis dos exemplos, ao acaso:

"Une nuit de la fin l'été, une nuit tiéde encore [septembre,
avec sa vie infiniment en flamme de veilleuse [qui tremble.
Les faibles étoiles opalines, ces menus coeurs [muets qui battent,
la patience blonde des lampes de la grande ville [là-bas..."

"Et je sais que malgré le gout amer et âcre qu'incruste dans ma bouche le pain noir de la [peine,
quand-même, mon Dieu, quand-même
la vie miraculeuse autour de moi — déflagre."

A rítmica do autor do "Miracle de Vivre" é curiosa, duma cadencia embaladora, muito própria para a indole fina e levemente romantica (no bom sentido) do poeta. E como por outro lado, o apuro do dizer, inédito, mas contido, dálhe características clássicas, o snr. Baudouin ultrapassa o ambito das escolas, para colocar-se no paiz mais largo e sem limites da Poesia. Não será possivel encontrar no livro o mais leve impressionismo. E' caracteristicamente um constructor, e por isso um dos mais legitimos poetas de nossa era. E ainda, para livra-lo do impressionismo, tem a propensão para o dialogo, para a monologação, para a resposta sem pergunta que o tornam eminentemente dramatico e teatral. Já disso era prova sobeja o seu drama "Ecce Homo", que, si não fôra a estranha similitude de Madalena com a Kundri de Wagner, seria uma obra integral.

A edição do "Miracle de Vivre", como todas as edições de "Lumière", é magnifica. Confessaremos no entanto que as xilografios do snr. Joris Minne soam, singularmente chocantes, como um trombone que entrasse em fortissimo, no quartetto de cordas dos versos. O snr. Joris Minne, como comentador que era do poeta, não devia assim sobrepor ostensivamente a sua personalidade inquieta e tumultuosa á personalidade regrada e calma do poeta. O desenhista é inegavelmente um artista; mas como temperamente vibrante e másculo, demasiadamente moderno e simultáneo, não soube dobrar-se ao papel de comentador; e tem-se a impressão, si nos permitirem uma comparação psicológica, que as ilustrações são a sensação e os versos a imagem conservada, sintetica mas enfraquecida. Assim o livro, considerado como obra de arte, saiu desigual. Cremos porém que com isso os versos do snr. Baudouin nada perderam. Ao contrario: mais se evidenciou assim o seu milagre de viver uma existencia á parte, que deslisa entre piedade e paz.

MARIO DE ANDRADE

"Pascal e a inquietação moderna" — Jackson de Figueiredo — Edição do Centro D. Vital —1922.

Livro de sólida e despretenciosa erudição. A parte que se refere propriamente a Pascal é magnifica, embora por uma evidente sympathia para com o escriptor da "Provincias", o A. lhe perdoe com muita rapidez os erros.

As notas sobre a inquietação moderna carecem de vigor e mesmo um tanto de realidade.

O A. não no-la apresenta bem viva, e nem lhe determina com energia as causas. Demais Jackson de Figueiredo perde tempo e estudar certos pensadores modernos que, apesar de ligados ao pensamento de Pascal, não tiveram muito grande influencia sobre a inquietação moderna. Assim a influencia de Secretan sobre o pensar irrequieto e valdoso dos nossos dias não nos parece tão evidente quanto ao A. se afigura... mas o assumpto era vastissimo; e Jackson de Figueiredo se cingiu especialmente ás irradiações do genio de Pascal... O português do livro é ruinzinho. O A. lida mal a lingua. Não lhe dá relevo nem número. E é pena. Jackson de Figueiredo sendo,não ha negar, um dos mais perspicazes e rectos cultores da filosofia, propriamente dita, no Brasil moderno, está destinado a escrever, com o evolver e o aperfeiçoar-se, dos milhores livros que nesse ramo das sciencias, até hoje se escreveram em lingua portugueza.

No admiravel desenvolvimento do seu espirito, Jackson de Figueiredo, já agora inteiramente católico, é um dos mais notáveis filósofos do Brasil. Seu novo livro é a manifestação duma altíssima nobreza e duma serenidade orgulhosa e justa. E demonstra — o que é de grande importância neste paiz de cavalgaduras em que ser católico é sinal de escravidão e fraqueza — quanto é belo o homem de hoje que, através das escravidões valdosas produzidas pelo individualismo, soube, por ser livre, fazer-se cristão e católico romano. Linda lição.

G. d. N.

RECEBEMOS:

Nouvelle Revue Française — No summario do numero de Julho: um artigo de J. Riviére sobre politica internacional. Um fragmento de Pierre Hamp. Poema de Mélot Du Dy. Um conto de Louis Aragon. Inedito de Dostoiewsky. Reflexões sobre a litteratura por A. Thibaudet. Chronicas.

La Criée — Numero de Julho com interessante collaboração de Marcel Milliet, Léon Franc, etc.

CINEMA

Ainda "O GAROTO"

"O GAROTO" por Charlie Chaplin é bem uma das obras primas mais completas da modernidade para que sobre elle insista mais uma vez a irriquieta petulancia de KLAXON. Celina Arnauld, pelo ultimo numero fóra de serie da "ACTION", commentando o film com bastante clarividencia, denuncia-lhe dois senões: o sonho e a anecdota da mulher abandonada que por sua vez abandona o filho. Talvez haja alguma razão no segundo defeito apontado. Effectivamente o caso cheira um pouco a sub-litteratura. O que nos indignou foi a poetisa de "POINT DE MIRE" criticar o sonho de Carlito. Eis como o percebe: "Mas Carlito poeta sonha mal. O sonho objectivado no film choca como alguns versos de Casimiro Delavigne intercaladas ás "ILLUMINATIONS" de Rimbaud. Em vez de anjos alados e barrocos, deveria simplesmente mostrar-nos "pierrots" enfarinhados ou ainda outra cousa e seu film conservar-se-hia puro. Mas quantos poemas ruins têm os maiores poetas!"

Felizmente não se trata d'um máu poema. O sonho é justo uma das paginas mais formidaveis de "O GAROTO". Vejamos: Carlito é o maltrapilho e o ridiculo. Mas tem pretenções ao amor e á elegancia. Tem uma instrução (seria melhor dizer conhecimentos) superficial ou o que é peior desordenada, feita de retalhos, colhidos aqui e além nas correrias de aventura.

E' profundamente egoista como geralmente o são os pobres, mas pelo convivio diurna na desgraça chega a amar o garoto como a filho. Além disso já demonstrara sufficientemente no correr da vida uma religiosidade inculta e ingenua. Num dado momento conseguem emfim roubar-lhe o menino. E a noite adormecida é perturbada pelo desespero de Carlito que procura o engeitado. Com a madrugada, chupado pela dor, Carlito vae sentar-se á porta da antiga moradia. Cahe nesse estado de somnolencia que não é o somno ainda. Então sonha. Que sonharia? O lugar que mais perlústrara na vida, mas enfeitado, ingenuamente enfeitado com flores de papel, que parecem tão lindas aos pobres. E os anjos apparecem. A pobreza inventiva de Carlito empresta-lhes as caras, os corpos conhecidos de amigos, inimigos, policias e até cães. E os incidentes passados misturam-se ás felicidades presentes. Tem o filho ao lado. Mas a briga com o boxista se repete, E os policias perseguem-no. Carlito foge num vôo. Mas (e estaes lembrados do sonho de Descartes) agita-se, perde o equilibrio, cahe na calçada. E o sonho repete o accidente: o policia atira e Carlito alado tomba. O garoto saccode-o, chamando. E' que na realidade um policia chegou. Encontra o vagabundo adormecido e saccode-o para accordal-o. Este é o sonho que Celina Arnauld considera um máu poema. Como não conseguiu ella penetrar a admiravel perfeição psychologica que Carlito realizou! Ser-lhe-hia possivel com a mentalidade e os sentimentos que possuia, no estado psychico em que estava, sonhar **pierrots** enfarinhados ou minuetes de aeroplanos! Estes aeroplanos imaginados pela adoravel dadaista é que viriam forçar a **intenção** da modernidade

em detrimento da **observação** da realidade. Carlito sonhou o que teria de sonhar fatalmente, necessariamente: uma felicidade angelical perturbada por um subconsciente sabio em coisas de soffrer ou de ridiculo. O sonho é o commentario mais perfeito que Carlito poderia construir da sua pessoa cinematographica. Não choca. Commove immensamente, sorridentemente. E, considerado á parte, é um dos passos mais humanos da sua obra, é por certo o mais perfeito **como psychologia** e originalidade.

M. de A.

LUZES & REFRACÇÕES

Está entre nós o escriptor portuguez Antonio Ferro. Ao autor dessa adoravel "LEVIANA" offereceram os Klaxistas um jantar. Houve alegria, amizades, discursos e trocadilhos. Num dos momentos um dos convivas escreveu no cardapio: "S. Paulo precisa importar ferro". Ao que o homenageado immediatamente respondeu: "porque Ferro se importa com S. Paulo". O céu escureceu. A Terra tremeu. E muitos mortos ressuscitaram.

* * *

Um tal senhor Gaston O. Talamon espirra por "La REVUE MUSICALE" umas indicações sobre "O Estado actual da Musica Argentina" Estava no seu direito. A Argentina é um paiz mui honrado e cantador que tambem deve ter na sua evolução sonora um estado actual. Era tambem justo que apparecesse um erudito Gaston que desse noticia da cousa aos leitores da "Revue Musicale" Mas o erudito Gaston, espirra suas indicações de uma maneira originalissima. Não tendo tempo para desoccupar as ventas escancaradas que estavam para respirar o perfume sangrento da carne crua, e talvez por tratar de musica, espirrou pelas orelhas. E, confessamos, enormes de pavilhão devem ellas ser pois são estes os espirros do erudito Gaston: "Buenos Ayres tornou-se o maior centro dessa cultura, é ella que aspira a traduzir os ideaes que agitam o Perú', o Equador, o Chile, o Mexico, o **BRASIL, o** Uruguay, etc..."

O snr. Henry Pruniéres, director da "Revue Musicale, naturalmente não leu o espirro. Quem como elle escreveu já sobre o concerto realizado no Rio de Janeiro no seculo 18, por occasião da coroação do vice-rei (Feuillets d'Art); quem como elle já abrigou na "Revue Musicale" um artigo do snr. Milhaud sobre a musica brasileira, certamente teria escoimado das paginas de sua revista uma tal asnidade.

Mas não é a possivel erudição causada pelo artigo nos leitores da "Revue Musicale" que nos interessa agora. O que nos interessa é a psychologia do tão argentino quão erudito Gaston. Pensa um pouco leitor, não te irrites, e rirás uma hora sem cessar. Pois não é que um homem, um Gaston! constipa-se tão patrioticamente, a ponto de ir espirrar, no coração da França, que Buenos Ayres traduz os anceios musicaes do Brasil! Caramba! Que **valiente!** E' impagavel! Que nos importa se a pianeira de Marselha procurar nos diccionarios musicaes a historia de Carlos Gomes, ou no artigo do snr. Milhaud os nomes de Nepomuceno e Villas-Lobos, Nazareth ou Tupinambá, todos, todos compositores argentinos, concorrendo para a grandeza musical de Buenos Ayres! Que nos importa? E' tempo de alegria! E' o centenario da independencia de Buenos Ayres que celebramos a 7 de Setembro! Demo-nos as mãos! Bailemos ante a estatua de Monroe! A America para os buenairenses! E enviemos ao erudito Gaston um sorridente, muito amigo, espirro de amizade!

Em nota de 20 de Agosto passado, fallando sobre "Os Condemnados" de Oswaldo de Andrade, affirma o "Jornal do Commercio" que os modernistas ficaram "damnados" com o apparecimento desse livro de "velha escola". Engana-se o articulista. E enganou-se 3 vezes. O numero é simptomatico. 1.o engano: A expressão "cavallos sobrehumanos" é do autor dos "Condemnados". 2.o engano: Chamar de "velha escola" á simultaneidade, ao processo cinematographico, ao expressionismo e principalmente ao principio esthetico do unico plano intellectual da "Trilogia do Exilio" é desconhecer a "velha escola" e o sentimento de modernidade. Por que principios criticos se pauta o articulista? Certamente não vive na epoca em que vive. Pois saiba que em todas as epocas de construcção os creadores são verdadeiros primitivos. Assim foi com os das cavernas quaternarias, assim foi com os do periodo logo anterior á Renascença, assim será com os homens do 1.o e é quasi certo ainda 2.o quarteis do seculo 20. Os primitivos apresentam sempre 2 tendencias, quasi que oppostas: o realismo e a estylização, geralmente symbolica (Não confundir com symbolismo moço). Oswaldo de Andrade, embora haja uma larga respiração lirica nos "Condemnados", segue a primeira dessas tendencias. O realismo é de todos os tempos, sabemos bem: mas realizal-o com simultaneidade, cinematicamente, fazendo coisas e factos se reflectirem todos num só plano, como que os isentando do que se poderia chamar a perspectiva intellectual é construir obra modernissima, duma actualidade que o articulista ignora e o Brasil centenario tambem. Portanto (3.o engano) saiba o articulista que o barulho dos modernizantes continuará, não como berros e prantos de damnados, mas como epinicios de alegria e orgulho justissimo.

---

7 de setembro!...

Abro as duas janellas do meu quarto para a paizagem que se repete todos os dias e que eu decóro todos os dias.

33 á sombra. Centenario!!!

Um calôr surprehendente que tudo dilata, que tudo expande, que tudo abre, para a festa de hoje.

O céo, feliz, sôbe, azul, uniforme e polido, annunciando ao europeu, que desembarca, suando, no Rio, os cem annos do Brasil. Cem annos quentes. Com febre. Macrobio-Ephebo, "que se desenvolve como um adolescente, coberto de espinhas", — as reformas — que salta com alacridade, — o jazz-band — e que, ás vezes, todos os mezes, aposta corrida suffocado, — á KLAXON! Macrobio-Ephebo!

Sinto junto a mim o rumor do Rio de Janeiro, a cidade dilatada, feita para rojões... e onde existe um DEUS inicial e immanente, de quem ella recebe rythmos e movimentos: RUY BARBOSA. Mas ninguem conhece RUY BARBOSA nem ninguem se preoccupa com a Independencia, não. Quando o policia, nervoso, apita, á esquina, nós todos corremos á janella. Dahi o successo das embaixadas. Dahi Antonio José de Almeida. Dahi a marcha na Avenida. Dahi Coelho Netto com 130 pulsações por minuto!!!

Que ficará do Centenario? Talvez unicamente as torres que se ergueram no recinto da Exposição.

Eu adoro as torres. Têm ancias, coitadas.

Esta noite pensei numa rua de São Bento, asphaltada, cheia de torres, e que não tivesse nunca fim: que emoção!...

Outra cousa tambem me tem commovido: a representação japoneza, solenne, de séda, apertando a mão de Epitacio, o brasileiro magnifico, que, barbeado e radiante, parece ter sahido hontem do fundo vivo da Natureza.

Adeus! 33 á sombra.

> **"Devo assignalar, finalmente, esta circumstancia agradabilissima: na Bahia não medra a psychose literaria do "penumbrismo", nem os innovadores pau. . listas são levada (sic) a sério".**
> **SAUL DE NAVARRO, no "Mundo Literario". Anno I. N. IV.**

Assim, nessa linguagem nausea...bunda, esse senhor bahiano cosinha um pessimo vatapá em homenagem a alguns conterraneos seus que

têm o máo gosto de formar o que elle chama "a pujante intellectualidade bahiana" E cita o senhor bahiano dois sonetos parnasianos, representativos da moderna poetica sua patricia. Parnasianismo, na Bahia, é pardoxo. Porque a Bahia absolutamente não prima pela fórma: o vatapá, por exemplo, é o prato mais mal apresentado que ha no mundo. O senhor bahiano acha que esses sonetos são o que se póde chamar o "succo" Não são o succo, meu senhor! São o bagaço. Conhece as laranjas de umbigo que rebentam abundantemente na "doce paz do solar avoengo" de Itaparica? Pois em literatura como em laranjas: chupa-se o succo e atira-se fóra o bagaço. O parnasianismo já foi o succo: agora é só bagaço. Creia isso.

Mas o senhor bahiano é incoherente: elogia muito a vida moderna da sua grande capital e remata; A' meia noite, "o noctivago tem do tomar o ultimo bonde, ou dormir nos bancos dos jardins..." Nem tylburis na sua linda e adeantada metropole, caro senhor?!

Numa cousa estamos, porém, de accordo com o senhor bahiano: é que a Bahia parece mesmo ser "bôa terra" Mas estamos tambem de accordo com o resto da modinha: "ella lá e.. nós aqui"!

Depois de Graça Aranha, Antonio Ferro. Agora Dario Nicodemi. E' a familia de Klaxon que cresce e se confirma.

Os cavalheiros que fazem literatura nos cantos de rua e de salão espantam-se. Antonio Ferro representa Portugal culto e é Klaxista. Dario Nicodemi sauda Menotti Del Picchia e a geração Klaxon num telegramma de amor solidario.

E' a onda que cresce para castigo dos que acreditam ainda no romancista Canto e Mello e lembram com saudade declamatoria os bons tempos em que o Sr. Aristeo Seixas era poeta e Tina Di Lorenzo chorava Rostand no ex-Sant' Anna. Bons tempinhos... pinhos... tempo dos pinhos... punhos cerrados para as Paulicéas!

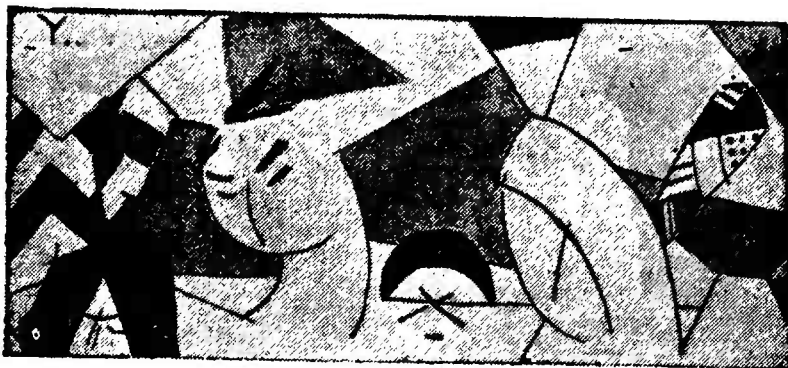
Antonio Ferro, nas luzes de um hall, é a serenata de Portugal. E' bello. Ao meio-dia, é possante, aggressivo, trepidante como um Klaxon. Impropriedade. Caixa de soccorro... Depressa... o Sr. Alvaro Guerra!

Não se espantem, estamos na Idade do Jazz-Band. Já vou tomar o bonde... Ai!

(Segue-se o fallecimento do leitor passadista).

Inaugurou-se o primeiro salon paulista. Ao lado de appetitosa feira de alexandrinos, catitas coisas; sargentinhos de Wasth; valles do Sr. Paulo do Valle que valem alguma coisa, roças do Sr. Paulo Rossi, etc. Só falta o Carlito, sim, o Benedicto Carlito, o de Santos.

Compensações. Duas grandes notas de arte — Annita Malfatti e Tarcila Amaral.

Emfim, é um esforço — já o disse em discurso o nosso Menotti Del Picchia. E um esforço que vale mais que todos os officiaes salons do Rio de Janeiro. Não somos optimistas Reproduzimos apenas a opinião dos expositores paulistas. Estamos com elles.

De Mario de Andrade

Paulicéa Desvairada

Em todas as livrarias

De Oswaldo de Andrade

Os Condemnados

Em todas as livrarias

De Guilherme de Almeida

BREVEMENTE

Natalika edição KLAXON

Messidor, traducção franceza de Serge MILLIET

De Vin. Ragognetti

BREVEMENTE

Gazarra Cittadina